



OS ARTISTAS NA GUERRA: M.^{lle} Lambert Vuilliaume, da Opera Comica, dama da Cruz Vermelha, e mr. Gauthier, do Vaudeville, que ficou sem um braço n'um combate
(Clôché Reutlinger).

2.^a série — N.º 480

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Lisboa, 3 de Maio de 1915

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA

Trimestre.....	1\$20 ctv.
Semestre.....	2\$40 *
Ano.....	4\$80 *

Numero avulso 10 centavos

Agencia da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA em Paris,
Bou. des Capucines, 8

Diretor: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOBERT CHAVES

Redação, administração, oficinas de esgravo e impressão



CARTUCHOS

Para Espingardas,
"Nitro Club" Forra-
dos Com Aço, Pol-
vora Sem Fumaça

A' VENDA

Almanaque d'O SEculo

(ILUSTRADO)

A' VENDA

TELEPH. N.º 2638
PERFUMARIA
ROSA D'OURO
COLossal SORTIMENTO
Rua do Ouro, 281 JOAQUIM R. ALVES
LISBOA



Cartuchos carregados com pólvora sem fumaça para espingardas, a preço módico para serviço rápido. A sua infalibilidade tem-os feito os favoritos dos atiradores mais notáveis do mundo. Veja que a bolla vermelha Remington-UMC e as palavras Nitro-Club apparecem em todas as caixas que comprem.

Acham-se á venda nas principais casas d' este genero.

REMINGTON ARMS-UNION METALLIC CARTRIDGE COMPANY

299 Broadway, Nova York, N. Y.
E. U. A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil
LEE & VILLELA
Caixa Postal 420, São Paulo
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro
No Territorio do Amazonas
OTTO KUHLEN
Caixa Postal 20 A., Manaus

Agente em Portugal: G. Heitor Ferreira, L. do Camões, 3, Lisboa

PARA ENCADERNAR A

"Ilustração Portuguesa"

Já estão á venda as capas em mercaline de fantasia para encadernar o **SEGUNDO SEMESTRE** de 1914, da *Ilustração Portuguesa*.

PREÇO: 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Enviem-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia póde ser remittida em vale do correio ou ordens postaes. Cada capa vaé acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO «SEculo»

Rua do Seculo. 43—LISBOA



FOTOGRAFIA

Rentlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre—PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSO: 4

Comprem as Sedas **Schweizer**

directamente da Suissa, franco de porte a domicilio!

Peçam hoje mesmo amostras das nossas sedas novidades garantidas solidas para vestidos e blusas: Crêpe de China, Duchesse, Tafelás, Foulards, etc., Cambraia suissa 120 cm de largo a partir de fr. 1,35 o metro.

Grandissima escolha sobretudo em preto, meio lucto, assim como em branco e côr.

Esta collecção é enviada franca contra remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Ao mesmo tempo offerecemos a nossa nova collecção de bordados suissos contendo 80 figurinos novos com amostras bordadas representando de modo muito exacto a execução maravilhosa dos nossos bordados afamados, assim como os nossos catalogos de bordados para roupa branca e pequenos artigos com verdadeiro bordado suisso. Blusas e vestidos para senhoras, mezinhas e meninos, em cambráia, Voile, Crêpe, Transparente, Toile, etc. e em sedas novidades desde frs. 3,25. Os nossos bord dos, como não são cortados, podem ser confeccionados facilmente em todos os paizões.

Esta collecção é igualmente enviada franca contra remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Schweizer & Co. Lucerna, E 11 (Suissa).

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

Alizella
O MELHOR SABONETE

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 480

3-5-1915

Maio

Maio. O velho Pan sorri. Pulam faunos, ao sol, na relva húmida. Dir-se-hia que toda a terra respira um halito perfumado. Uma luz nova treme no ar em milhões de fálhas d'oiro. Abrem flôres. Por toda a parte, como gôtas de sangue, como polpas loiras, como lábios frescos, cachos de rosas surgem, rebentam, florescem. Aqui, ali, assomam cabeças fulvas de mulher, luminosas e frescas como idílios de Theocrito. E' a primavera que palpita em todos os troncos, ressuma em todos os frutos, explende em todas as montanhas. Diônisos, loiro, aparece, com um braço de rosas. — «Que diferença vês tu entre as mulheres e as flôres?» — pergunta ele a Xantias. E o escravo responde, malicioso, como um sátiro velho: — «E' que as flôres são lindas, — mas não o sabem».



Doidos

O que se está passando em Portugal com a assistência aos loucos é absolutamente vergonhoso. O hospital de Rilhafoles, a despeito dos esforços do homem eminente que o dirige, não comporta mais alienados. Está cheio. Quando lhe entregam um louco, sabem o que a policia faz? Atira-o para um calaboiço do Governo Civil. Socorros, tratamento, humanidade? nenhuns. Se é um doido violento atam-no n'um colete de forças. E' tudo. E

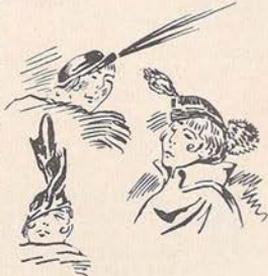


se, por acaso, um outro louco chega, não se hesita, não se pensa: mete-se, de roldão, na mesma enxovia. De modo que se dá, frequentemente, o que ha dias se deu no Governo Civil: um italiano, atacado de mania aguda, e um trabalhador rural, louco-epileptico, fechados na escuridão de um calaboiço como duas fêras, morderam-se, pisaram-se, devoraram-se em silencio, — e foram arrancados das grades, escorrendo sangue. E' Poë. E' André de Lordes. E' «Grand-Guignol». E' Marrocos. — Mas porque não se emprega em coisas sérias a centesima parte do tempo inútil que toda a gente gasta a discutir politica?

A cabeça d'Eva

Não se zangue comigo. Uma rapariga de espirito nunca se zanga. Dê-me a sua mão. Façamos as pazes. Pois não é verdade o que eu lhe disse? Pois não é verdade que, se a sua beleza resisto a destempero, á extravagancia, á monstruosidade dos chapéus que vocês usam, — é porque essa beleza é alguma coisa de forte, de solido, de real e de indestrutivel? Se a humanidade d'amanhã tivesse de julgar do bom senso da humanidade de hoje pelos

chapeus que as mulheres põem na cabeça, pelos Gainsborough e pelos «la mon mari», pelos Rembrandt e pelos Mefistofeles, por todas essas criações amarrotadas, delirantes, convulsivas, paradoxas das Riboux, dos Léon, dos Lewis, das Germain, das Miniggio, das Monna Canda, — suporia que todos nós tínhamos endoidecido: vocês, mulheres, porque os trazem e os inventam; nós, homens, porque



lh'os consentimos e lh'os pagamos. E o chapéu alto? — pergunta você. Esse chapéu alto, essas calças compridas execráveis, que transformam o homem moderno n'um conjunto de tres canudos, — dois nas pernas e um na cabeça? Tem razão, minha amiga. Mas um ridiculo não absolve outro. E depois — que demonio! — o chapéu alto tambem já as mulheres o usaram. Lembra-se da Theroigne de Méricourt? Quem me diz a mim que o chapéu alto, como o espartilho e como as ligas, não foi uma herança que nos ficou de vocês?

Rafael Bordalo

Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, o ceramista e caricaturista ilustre, representante d'uma familia em que o talento, como um titulo nobiliarquico, se transmite de geração em geração, acaba de publicar um livro ácerca da obra do seu glorioso pae. Sousa Pinto, o elegante prosador do «Jardim das Mestras», diz n'esse livro o que foi a vida do grande Rafael Bordalo. A homenagem é digna de quem a recebe e de quem a presta. Desde o velho pae Bordalo, o provêto artista de hábitos patriarcaes, que nos legou maravilhosos quadrinhos pintados á maneira flamenga e que a eternidade de quarenta anos injustamente deixou esquecer, até Rafael Bordalo Pinheiro, cuja obra fragmentária, brusca, impetuosa, combativa, cheia de eloquencia e de brilho, d'orgulho e de bravura, realisona a synthese d'uma epoca; desde Columbano, cuja pintura neo-velasquiana ficará como uma das mais íbelas expressões do genio nacional, até á graça feminina e leve da sr.^ª D. Maria Augusta, em cujas mãos milagrosas se fez a renascença da rendia portugueza, e até Manuel Gustavo, a quem a nossa faiança já tanto deve, — a nobre familia Bordalo tem mantido a sua linha de sucessão n'um morgadio de gloria. O livro que acaba de publicar-se é mais um documento de inestimavel valor para o estudo d'essa familia ilustre.



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).

Conciliados na morte



Bavia mais d'um longo, fastidioso e triste mez de inverno que Raul combatia nas trincheiras, sem que a sua confiança nos superiores destinos da nacionalidade e da raça e a sua ardente fé na vitória desfalcessem um momento. Em volta de si via cair constantemente, com o peito aberto ou o ventre dilacerado, companheiros como ele moços e corajosos que a declaração da guerra surpreendera em plena florescência da mocidade e que ao exalarem o derradeiro arranco, sobre a terra molhada em que os seus pobres corpos se esvaziavam lentamente de todo o sangue, ainda sorriam animados por esse sagrado heroísmo que nem a morte aniquilava e que tinha a beleza d'uma luz perene tocando de claridade as juventes prometedoras. Por mais d'uma vez pousara ele a espingarda de cano fumegante para se curvar piedosamente sobre a fronte palida dos camara-las agonisantes, escutando-lhe o ultimo gemido ou a ultima oração.

Depois, com um desvaído brilho de colera nos olhos, reencetava o combate desesperadamente, para vingar, matando sem arrependimento e sem perdão, aquelas mortes que enchiam de murmúrios, de soluços, de atitudes lugubres e espectrais, os fossos profundos.

Semanas houve em que Raul pelejou sem repouso, durante vinte e quatro horas seguidas, mirando os capacetes pontegudos dos adversários que ao longe apenas afloravam do chão. Atolado em lama até aos joelhos, com as pernas enregeladas e quasi anquilosadas pela inação, desdenhava os sofrimentos fisicos, na perturbante febre de raiva que se lhe apoderara do espirito e o aiucinava. Nervosamente, em gestos rapidos, alvejava os soldados inimigos e desfechava sem fadiga e sem descanço, com os dentes rilhados e os musculos da face contraídos. De quando em quando, densas fileiras de tropas contrárias saíam dos seus buracos como toupeiras, calavam baionetas e avançavam á carga cantando hinos patrióticos, gritando, rugindo, ameaçando. A baça luz invernal acendia lampejos brancos, cintilações, fulgurações nas laminas agudas. A fuzilaria intensificava-se, roncavam os canhões e uma tempestade de ferro e fogo passava por entre os combatentes devastadoramente como as foches nas searas. Um a um os lutadores tombavam pelas planícies, por vales, por outeiros — ondeante massa humana ceifada — descansando docemente os olhos embaciados nos ceus altos e indiferentes ás grandes catastrofes. Os que escapavam á carnificina monstruosa, vinham deter-se em frente ás fiadas de arame farpado onde eram abatidos á sabrada e a tiro como as rezes n'um matadouro, no meio d'um sonoro ariarido de exclamações triunfaes, de ironias, de silvantes sarcasmos dos vencedores!

Momentos fortemente vividos, esses que desliziavam na bravura, rude furia das batalhas! Tudo se esquecia, tudo se apagava nas memórias mais fieis, desde os pezares, as saudades, as inefeveis recordações de gloriosos instantes de ventura, até ao amor á propria vida. Cada reencontro era uma loucura, um paroxismo, um tu bilhão em que vastas massas de homens redemoinhavam, excitados pelo fumo sufocante da polvora e pelo cheiro acre da sangueira, de peito latejante exposto ao perigo — escudo em que batia um épico e rubro coração. Ao trocar das primeiras balas e ao fragor das primeiras granadas, as almas fechavam-se de pavor e uma tremura impossivel de dominar arrepiava as carnes: — mas este deliquio era fugaz. Em breve os batalhadores se transmutavam em fêras; as suas máscaras energicas perdiam a serenidade, o luar de bondade que os humanisava; dissiparam-se n'eles todos os generosos impulsos da consciencia e tornava-se mais intensa a vontade de matar, de matar sempre — porque só no exterminio germinaria e desabrochava a flor pura e bendita da paz...

° Ao calar-se o trovão da artilharia e o ruído continuo e sêco das metralhadoras, o silencio um funebre, desolado silencio — descia dos astros sobre os campos de combate que suavam sangue. O crepusculo abriu as suas imensas azas negras por cima das escaivadas serranias, das risonhas, verdes veigas, da folhagem dos arvoredos; esfumavam-se, diluam-se, as fôrmas; o ambiente povoava-se de aparições errantes. Em certos instantes uma lua redonda, alvejando entre nuvens, desdobrava um tenue sudario luminoso pela ramaria das florestas, pelos prados, pelos charcos de superficie quieta, palida e metalica, pelos pousios onde os cadaveres apodreciam aos montes, de mãos lividas e crispadas, de boca roxa, sinistra e aflitiva. Cavalos sem cavaleiros relinchavam e galopavam perdidamente na treva, saltando regueiras de sangue coagulado, barrancos, sêbes de canhões desmontados, parapetos desertos. Nenhum barulho sobresaltava a solidude temerosa: nenhuma luz irradiada debeis lucilações douradas.

Era então que os combatentes, recuperando a sua tranquilidade interior, abandonavam as armas, acendiam os cachimbos ou os cigarros e, acorrendo-se sobre os feixes de palha estendidos nos centros enutos dos entrenchearmentos, fumavam e relembavam o encanto das existencias pacificas levadas na tranquilidade campestre, nas officinas, nas universidades, nos estaleiros, nas fabricas, nos inumeraveis laboratorios em que se formava uma grande civilização. Todos eles tinham as suas historias dolorosas a contar: — uma velha mãe inválida que chorava e resava em algum pardiêiro distante; filhos innocentes, louros e ainda pequeninos, nascidos do misterio

de um beijo amoroso, que á roda de lareiras sem lume, famintos e chorosos, estavam de certo relembando os paes ausentes que pela Patria sacrificavam contentes uma vida que pertencia aos mais fracos, aos que precisavam de amparo e carinho; noivas com a flor divina dos olhos extasiada no azul celeste recordando saudosamente a falaz felicidade sonhada em suaves horas de ternura. . . A fumarada do tabaco fazia uma espessa nuvem na trincheira; vagarosamente o tempo corria e uma inenarrável tristeza infiltrava-se nos sentimentos como um fio de agua se embebe n'um torrão calcinado pelo sol. O perigo constante, as amarguras curtidas em comum, criavam em re a soldadesca uma solidariedade mais estreita, um calor purificante e benéfico de comoeção capaz de fundir todas as friezas—porque a guerra é uma fonte inexgotavel de virtudes coletivas. Nas suas demoradas conversas, os batalhadores reavivavam os companheiros que a morte durante o dia arrebatára—e pelas faces tsnadas e enegrecidas grossas lagrimas rolavam, lentas e claras, entre fundos suspiros.

— Não tenho receio de morrer!—exclamou Raul. A vida é só uma e não é eterna. Acabar mais cedo ou mais tarde, pouco importa. . . Mas sabem vocês o que me horrorisa?



— Que é?—interrogavam os outros.
— Imaginem esta tortura. . . Podemos ser feridos em qualquer batalha, muito embora até hoje as balas não hajam poupado.

— Naturalmente! E' o que temos de mais provavel.

— Ora agora pensem que desmaiamos, que perdemos os sentidos, que ficamos inanimados entre montanhas de corpos e que seremos enterrados ainda vivos! . . .

O dialogo interrompia-se, para que as imaginações subteis visionassem o horror da perspectiva indicada. As respirações eram ofegantes e entrecortadas; os peitos arquejavam.

— Se eu tiver de desaparecer n'esta guerra, em que nós defendemos a Patria ultrajada e violada, que uma bala ou um caco de granada me matem redondamente. Os que morrem logo são os mais felizes! . . .

Ah! na verdade, que medonho pesadelo entrevisto pelas fantasias exaltadas! Sentir aproximar os passos dos coveiros, escutar o choque das enxadadas e das pás rasgando no fértil ventre da terra as extensas valas que hão de atulhar-se de carne humana despedaçada, ser-se atirado para o leito negro e gélido das sepulturas sem que se possa gritar por socorro, clamar—Estou vivo, estou vivo!—que aflicção estu-

penda! Raul, soprando baforadas de fumo que se azulavam na atmosfera, torcendo-se em espiraes caprichosas, dramatizava a sua hipotese, carregando-lhe as tintas:

—Vejam! A consciencia está desperta. Todos os movimentos se percebem com nitidez. Ouve-se o rumor longinquo do canhão, o desfiar dos esquadões, o rodar estridente das carretas de artilharia, as asperas vozes de comando, os vibrantes toques de clarim. Mas tudo findou para os que um ferimento grave tenha imobilizado completamente. A terra cairá sobre eles, opaca e pesada. Querem respirar e não podem. Uma frialdade enregelada penetra-os até á medula. Por um fugidivo segundo—e para que o seu martirio derradeiro seja mais cruel, ressuscitam: e, enquanto lhes não estalam as derradeiras fibras vitais, notam o que sobre eles, em pleno e limpido ar livre, vae occorrendo!

—Terrível! Terrível! . . .—bradam, alarmados, os camaradas.

—Já meditaram n'isto? . . . E olhem que se não trata d'uma ficção, d'uma coisa absurda. Está dentro dos palpaveis domínios da realidade. Quantos soldados nossos e dos nossos adversarios terão sido sepultados com vida, n'essa formidavel barafunda dos campos de batalha! . . . Muitas noites, apesar de

extenuado, não concilio o sono, só de pensar n'esta tragedia! . . .

Durante as palestras, a escuridão noturna fugia, emudecida, lugubre, sem um estremecimento, sem um alarido: e um arripio de medo, produzido pelas imaginações sobreexcitadas, fazia hesitar os heroes. Para espantar esta impressão tenebrosa, os soldados mais joviaes e calmos repetiam as canções picantes da musa parisiense, out'ora ouvidas nos teatros, nos cabarets, nos music-halls, imitand'o a maneira de Paulin ou de Mayol, que tanto haviam interessado a alegria franceza, viva e cintilant: como uma leve espuma, irisando-se á luz: e as frentes pezarosas desanuviavam-se. Muito longe, em outras trincheiras, a artilharia troava sempre e ao seu estampido ecoava funebremente, como um camtochão.

Agora, somos nós que estamos em fêrtias; mas quantos compatriotas nossos vão caindo para sempre! . . .

E uma raiva fulgurante subia dos corações contra os inimigos que sob a sua pesada bota caíavam, pisavam o solo patrio, regado com o sangue, a seiva maravilhosa de tantas existencias amadas. Oh! aquela guerra! Para os agressores não haveria piedade nem misericórdia na sensibilidade de Raul! . . . Mas a pouco e pouco as palavras esmoreciam nos labios. Deitados sobre as palhas murchas, os solda-

dos dormitavam, sob a guarda atenta de sentinelas vigilantes. A manhã ascendia fresca, refulgente, côr de ouro e côr de rosa das bandas do nascente e não tardava a reacender-se a luta da vespera — igual á luta de todos os dias, porque nem uns nem outros ganhavam terreno, o que constituía já um triunfo para os agredidos. O chão disputava-se, com feroz tenacidade, a ondas de sangue.

— Quando sairemos nós d'este atoleiro? — perguntava Raul.

A imobilidade permanente começava a irritar-o, a excitar-lhe os nervos. Anciava por bater-se a corpo descoberto, sobre as relvas orvalhadas e viçosas, no meio do aroma dos fenos e dos ervaços esmagados, respirando a fundos haustos o bom ar vivificante, contemplando na arremetida das pugnas em que se mata e se morre, os horizontes desafogados e os espaços libertos por onde voavam azas assustadas com a ferocidade dos homens!

— Morrer assim tem a sua beleza! — dizia ele.

— Não faltará ocasião para isso — atalhavam os outros, sorrindo.

— Pois que se não demore! . . .

Certa tarde, quando a rosa do sol morria pelos picarros das serras algodoadas de brandas nevoas, recebeu-se na trincheira de Raul ordem de cairregar á baioneta sobre os entricheiramentos germanicos opostos, que era necessario conquistar a todo o transe. A ação iniciou-se por um violento duelo de artilharia, riscando de largos sulcos violaceos a atmosfera que ia escurecendo e entristecendo. Com que indizível jubilo Raul saltou para fóra do subterraneo que, durante tanto tempo, havia sido a sua vivenda! A aragem vitalisante acariciava-lhe a pele da face, os seus olhos enbebiavam-se no fulgor da claridade expirante. Os soldados, sob a metralha, alinhavam-se para a carga, placidamente, sem uma hesitação. O ruido era tremendo, e o chuveiro das granadas iluminava todo o céu de clarões. A campina em frente ardia como um fogo gigantesco.

— Rapazes, da vossa valentia depende a honra da Patria. E nem um só recede! — bradou o oficial ainda novo, de espada erguida.

Não vacilariam, certamente. Já as espingardas tremiam nas mãos, agitadas pela furia. De cabeça orgulhosamente erecta, esperavam o instante supremo da arrancada. Os canhões disparavam continuamente, para cobrir a infantaria.

— A' carga! — bradou o oficial.

A avalanche humana largou, desabou n'uma corrida vertiginosa sobre os adversarios, cantando para as estrelas que principiavam a lucilar, eletrisada pela crença patriótica, pela confiança. Corria sempre, rareada de onde a onde pelos que iam ficando para traz, estendidos e sangrando sobre as relvas.

— Para a frente, para a frente! — incitava o oficial.

Estavam próximos, apesar de dizimados pe'o fogo das me'ralhadoras que vomitavam leques de balas sobre eles. De repente, Raul caiu, varado do peito

ás costas, junto das defezas teutonicas. Havia-se travado o combate corpo a corpo. Entre gritarias, blasfemias, pragas fulgurantes, as baionetas enterravam-se molemente nas carnes latejantes, de onde esguichos de sangue repuchavam. A artilharia deixou de troar. Apenas se ouvia o tinir das laminas, o vociferar das bocas torcidas, o ralo anciado dos moribundos. A terra estava coberta de mortos, enovelados uns, outros de rosto contra a poeira. . .

Quando Raul despertou da sua syncope, o ataque dos seus havia sido repeido. Mas a peleja não acabára. Os canhões de um lado e de outro voitaram a disparar incessantemente fazendo sobre os que tinham morrido e sobre os feridos um docel de bombas e de obuses, um palio rutilante de fogo. Junto de Raul, um bavo, delirante, de olhos esbugalhados e raspando o chão com as unhas, entoava em voz fraca, o «Deutschland über alles». Um outro alemão, com o peito trespassado por uma baioneta, dizia palavras incoerentes. De todo o campo se elevava um confuso murmuro de soluços, de queixumes, de lamentações, de gritos. Alguns feridos, escorrendo sangue, imploravam:

— Agua! Agua!

E estendiam as mãos suplicantes, enquanto o bavo, no seu delirio, continuava cantando o hino da Alemanha. Então, Raul, que se esvaía, concentrando as suas forças derradeiras, cantou a *Marselheza*, entusiasticamente, sob o estrondo atroador da batalha, que não findava. A certa altura, a sua voz principiou a enfraquecer, sentia que o seu corpo arrefecia, que o coração mais lentamente lhe pulsava no peito: — mas cantava sempre, agora com a certeza consoladora de que a sua Patria expulsaria o inimigo do territorio invadido e que voltaria á paz, á beleza, á grandeza, á prosperidade d'out'ora, mais forte pela fecundação das energias n'um conflito de titans, mais soberba, mais esplendida. . . E abençoava aquella guerra horrorosa que fazia o milagre de uma resurreição! . . . Mas, na sua emoção, e relanceando a vista turva em roda, não havia odio. A miseria dos seus compatriotas, confundia-se com a miseria dos adversarios, morrendo lado a lado, misturando o sangue, todos eles varonis, robustos, magnificos. Ah! a primavera humana em flôr varejada! Uns e outros eram homens e caíam pelos mesmos principios, pelos mesmos ideaes, pelas mesmas aspirações! . . . Estremeceu. Uma pobre mão exangue o puxava, alguém lhe falava quasi em segredo. Era o bavo que sussurrava, n'um bolir de labios:

— Camarada. . .

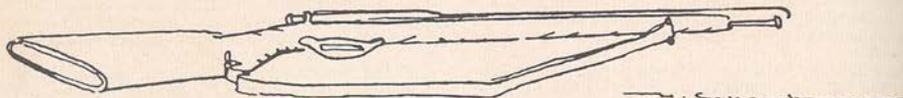
— Hei?

— Tinha uma noiva. . . Ia casar-me! . . .

— Eu tinha uma mulher e tinha filhos! . . .

Chorando de emoção, estreitaram-se mais, talvez para que a morte egalitaria, apaziguando os seus sofrimentos, os irmanasse e os reconciliasse! . . .

JOÃO GRAVE.



FIGURAS E FACTOS



Senhoras que tomaram parte no concerto do Conservatorio: 1. D. Alice Pancada, 2. D. Albertina da Silva, 3. D. Judit Lima, 4. D. Ermelinda Cordeiro, 5. D. Irene de Almeida, 6. D. Leopoldina Cordeiro.

Festa de homenagem.—No Salão do Conservatorio realisou-se um grande concerto vocal e instrumental de homenagem ao distinto baritono e profes-



cavalheiros que tomaram parte no mesmo concerto 7. O maestro David de Sousa, 8. O sr. Alfredo de Mascarenhas, baritono, o homenagenado, 9. O sr. dr. José de Padua, que dirigiu a orquestra, 10. O sr. Antonio José Pereira.

sor sr. Alfredo de Mascarenhas. Todos os amadores e gentis senhoras que tomaram parte n'essa festa de arte, foram imensamente ovacionados, bem como o homenagenado.

Bispo da Guarda.—Foi solenissima a entrada, na Guarda, do seu novo bispo, sr. D. José Matoso. A' sua passagem as ruas encheram-se de populares e das janelas, ornamentadas de lindas colchas, as senhoras lançavam flores sobre o novo prelado, quando se dirigia para a catedral a tomar posse do seu alto cargo.



11. O sr. José Alves Matoso, agradecendo da varanda da sua residencia as manifestações de simpatia que o povo lhe fez.
12. Um bodo a 220 pobres que uma comissão de senhoras ofereceu a expensas suas, em frente da residencia do prelado, junto da catedral.—(Clichés do distinto fotografo sr. Aires).

BORDALO PINHEIRO



1. Delfina do Espírito Santo (1873)
2. Rosa Damasceno (1874)
(Desenhos de Rafael Bordalo Pinheiro)

3. João Anastácio Rosa (1874)
4. António Pedro (1874)
(Desenhos de Rafael Bordalo Pinheiro)



O sr. Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro

O sr. Manuel de Sousa Pinto

Os grandes artistas não esquecem nunca. Pertencem á sua época, mas é a posteridade quem lhes prepara a apoteose. E' o que acaba de dar-se com esse inconfundível mestre do lapis, Bordalo Pinheiro, desaparecido da vida já ha alguns anos, mas cujo espirito cinda hojeadeja sobre nós na recordação da sua bela obra.

E, como homenagem a tão eminente vulto, que, rindo, feria de morte todos os ridi-

culos, seu filho, o exímio caricaturista e nosso distinto colaborador Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, e o ilustre crítico de arte, também nosso colaborador, dr. Manuel de Sousa Pinto, acabam de dar á publicidade um livro glorioso para a memoria do grande mestre, no qual se reproduzem as suas melhores paginas e muitos desenhos inéditos de inapreciável valor. Honra lhes seja.



7. Faz favor, empresta-me o seu lume? Vinte anos depois. 1903. (Da Parodia, Comedia Portuguesa—8. Depois das eleições. (Do Antonio Maria, 1881). (Desenhos de Rafael Bordalo Pinheiro).



Amor sincéro

*Não sei se esta tristeza que me invade
E me traz tão nervoso e tão doente,
Te fará compreender, linda inocente,
Quanto se pôde amar em moça idade.*

*Quando eu partir d'aqui, com a saudade
D'aquela a quem amei ardentemente,
Verêi envelhecendo lentamente
Meu coração em plena mocidade.*

*Sosinho chorarei a minha Dôr...
Na gélida expressão do teu olhar
Jamais descobrir pôde algum amor...*

*Ri-te, creança, ri do meu sonhar!
Mas nunca zombes, seja onde fôr,
De quem sabe sofrer e perdoar.*

Foz do Douro.

Joaquim de Matos.

O VELHO MUNDO EM GUERRA



O czar da Rússia em uniforme de soldado

fôra de duvida que as organizações politicas dos grandes Estados não ficarão tambem intactas perante as reivindicações de caracter democratico por que os respetivos povos veem desde muito tambem lutando..

O imperador da Rússia encontra-se ha dias junto das suas tropas que se batem com os alemães, austriacos e turoos, n'uma linha extensa de alguns kilometros, sendo raro o dia em que o telegrafo nos não traz a noticia de uma brilhante victoria.

Os soldados amam-no, tanto pela simplicidade com que se aproxima d'eles, como pelo seu valor e estrategia militar. Nicolau II, com a presente guerra, adquiriu a estima franca de todo o seu povo, aos olhos do qual se dissiparam completamente as sombras que ainda podiam carregar a tradição do «Autocrata de todas as Russias».

A Rússia e o seu imperador batem-se hoje pela liberdade e pela observancia dos direitos modernos dos povos. E batem-se com firmeza, com valentia, com lealdade inabalaveis, fazendo a admirração de todos os outros paises, que não a supunham tão bem preparada para a luta.

A Austria, que já por vezes se tem sentido desfalecer, mostrou por meios mais ou menos diretos á Rússia que não lhe desagradaria a paz feita com ela mediante vantagens que não regatearia; mas encontrou sempre formal recusa a entrar em quaesquer negociações.

Tem de ir com os aliados até ao fim, e ha de ir; a luta é de interesse comum; transformou-se n'uma verdadeira luta de principios.

Se o Velho Muudo não pôde sair d'ela sem profundas modificações, sabe Deus com que sacrificios e humilhações nossas e de outros povos descuidados como nós, é

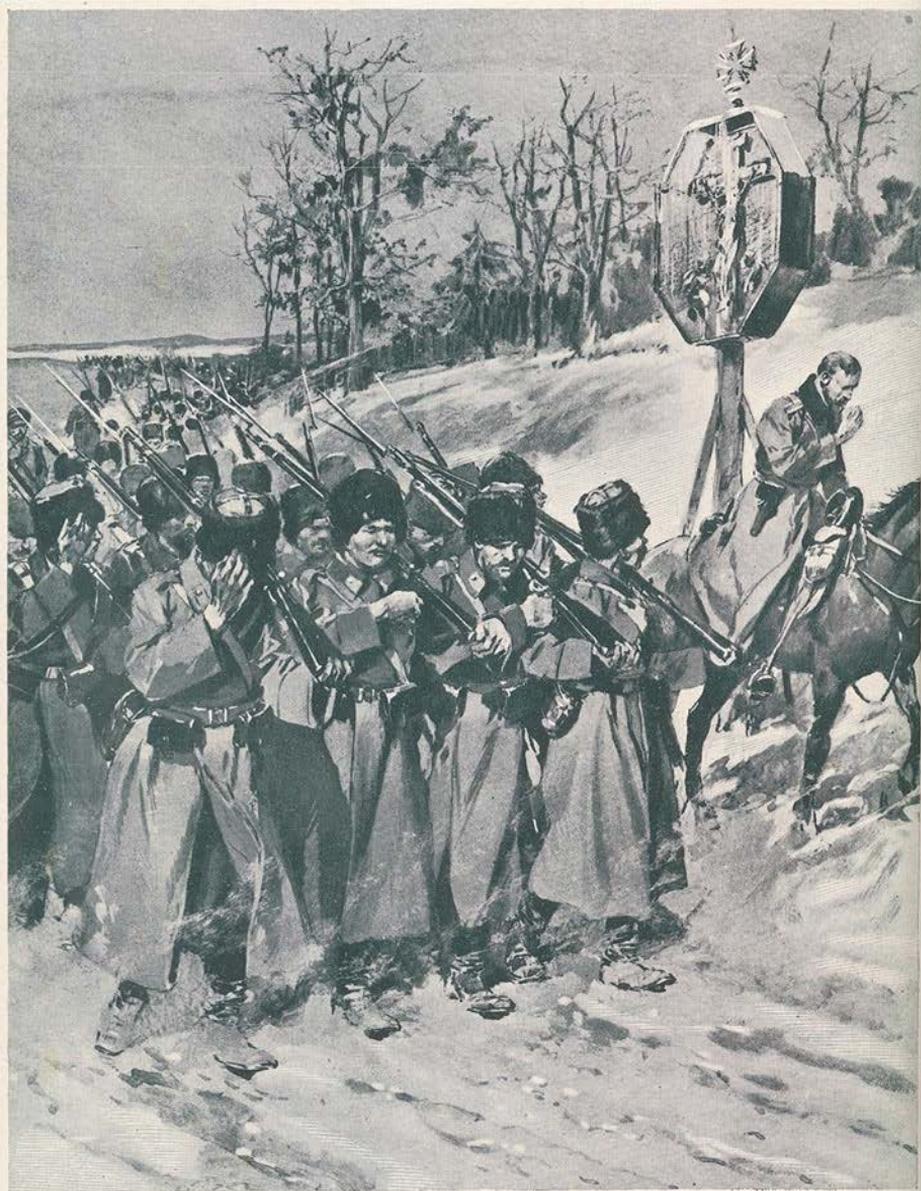


O general bulgaro Savaroff, que tomou o comando de um corpo de exercito russo.—(Clichés M. Branger).



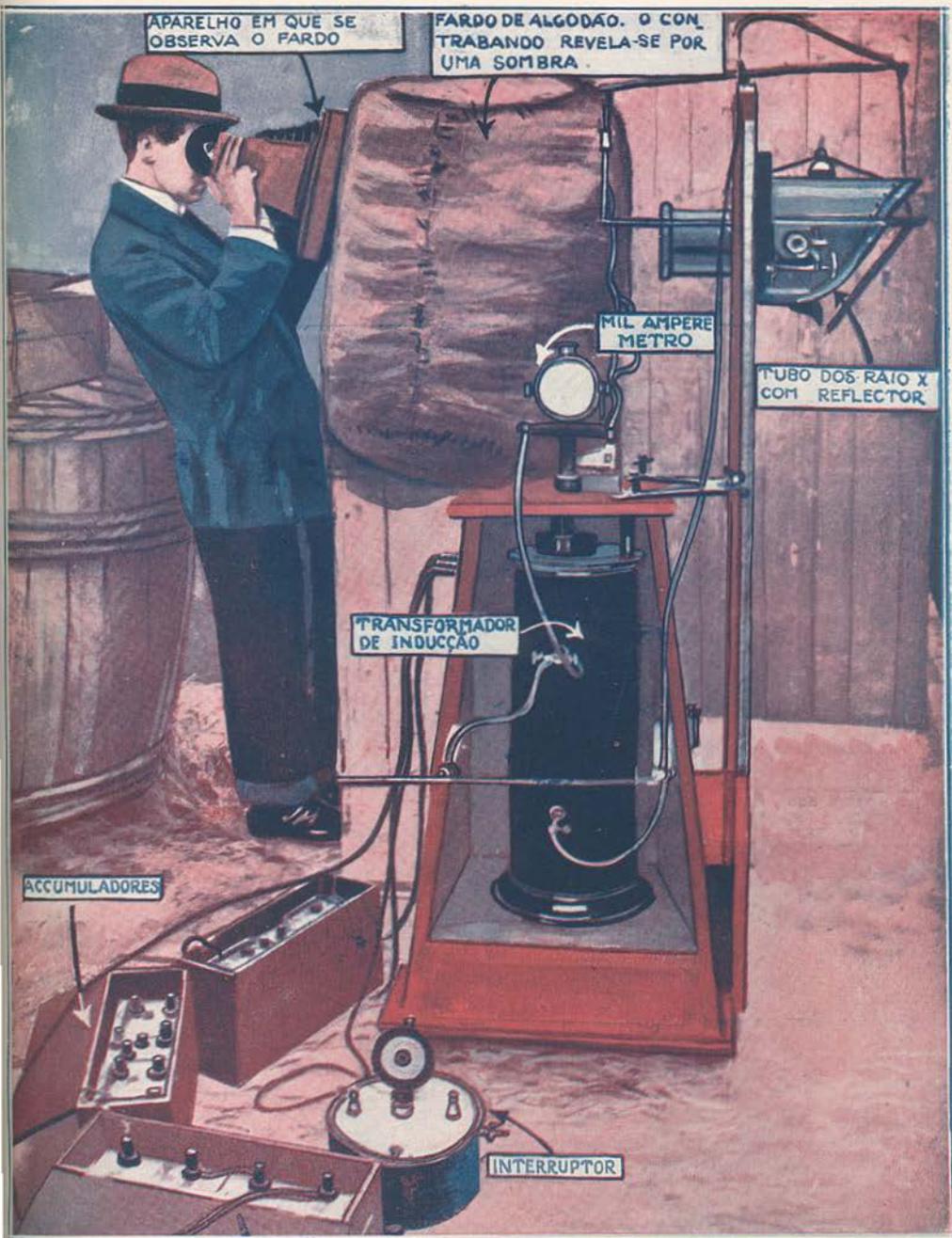
Para ocultar a posição das suas metralhadoras e melhor disfarçar algumas das suas trincheiras os alemães chegam, como se vê n'esta página, a fazer bosques artificiaes, isto é, a trazerem arvores de outros pontos e a enterrar-as como se tivessem crescido ali e perdido as folhas com o inverno — (De *The Sphere*).

ARDOR DE CRUZADOS



Os soldados russos não passam uma única vez por uma igreja ou por qualquer relíquia santa que não façam o sinal da cruz, murmurando uma oração. Lembram os velhos cruza-

dos ardendo sempre em fé. Representa esta página um troço de tropas russas, desfilando n'um grande recolhimento religioso, deante de um crucifixo. *(The Illustrated London News).*



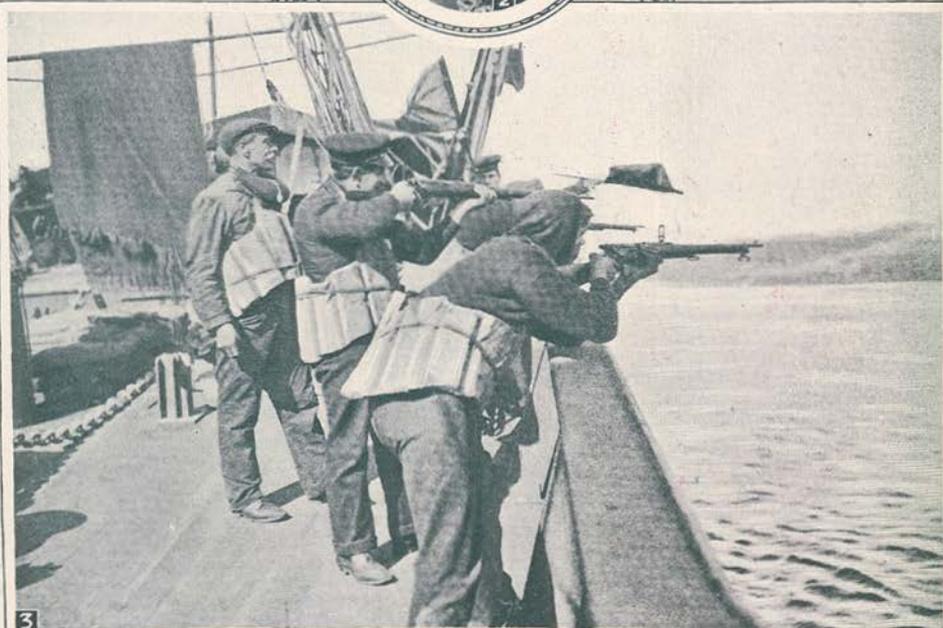
Como se verifica hoje, por meio de um aparelho dos raios x, se quaesquer fardos contém contrabando de guerra
(De The Sphera).



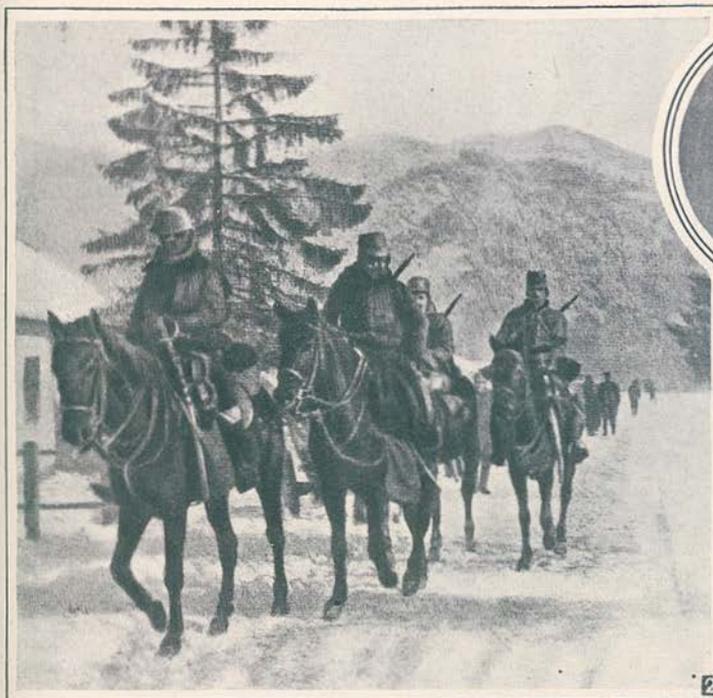
1. Pequenos vapores Inguezes destinados á pesca de minas nos Dardanelos



2. O general d'Amade, comandante do corpo expedicionario francez nos Dardanelos



Marinheiros Inguezes a bordo de uns pequenos vapores nos Dardanelos disparando contra uma mina flutuante e fazendo-a explodir.



1

Nos Carpatos. — Continuam renhidos os combates entre russos e austriacos, auxiliados por alemães, n' estas montanhas ainda cobertas de neve. Um d'esses combates chegou a durar dias, combatendo-se tambem de noite. As perdas de lado a lado tem sido importantes; é fóra de duvida, porém, que os russos tem tido sobre o inimigo consideraveis vantagens, fazendo-lhe milhares de prisioneiros e tomando-lhe muitos comboios de viveres e munições.

2



3

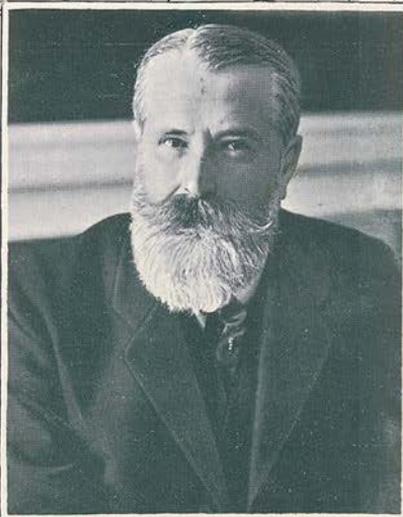
1. O general Bruellhoff, comandante do exercito russo nos Carpatos. — 2. Hussards em reconhecimento nos Carpatos.
3. A infantaria austriaca marchando sobre uma profunda camada de neve



1. O Bosphoro, no ponto conhecido pelo nome de «Aguas Doces» da Europa
2. Vista geral de Constantinopla

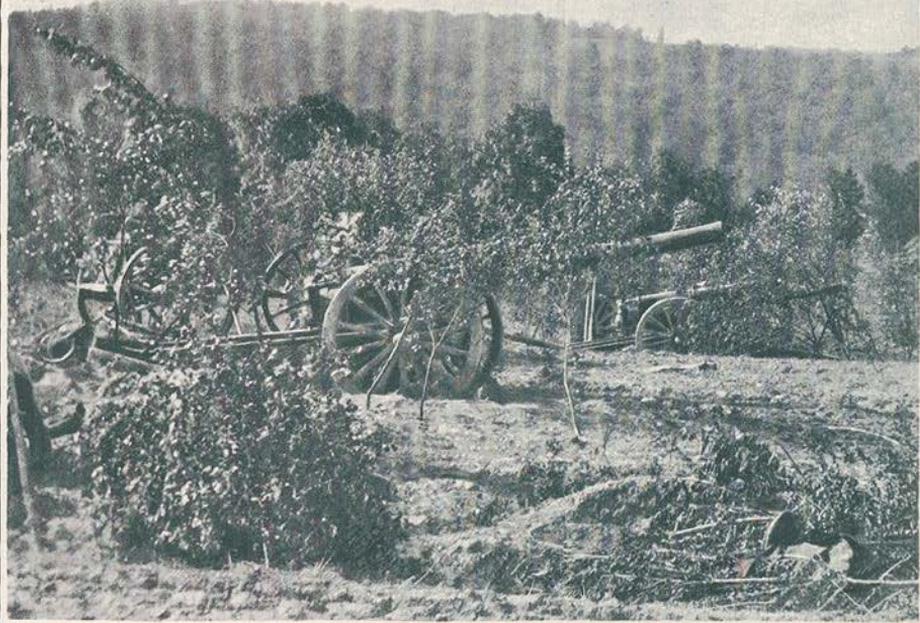


Soldados franceses reparando uma linha telegrafica no campo de batalha.



Mr. Collignon, antigo secretario geral da presidencia da Republica Franceza, que se alistou como simples voluntario aos 58 anos de idade e era porta-estandarte, acaba de cair morto no campo de batalha, varado por uma bala ao acudir a um soldado ferido.

(Clché M. Branger).

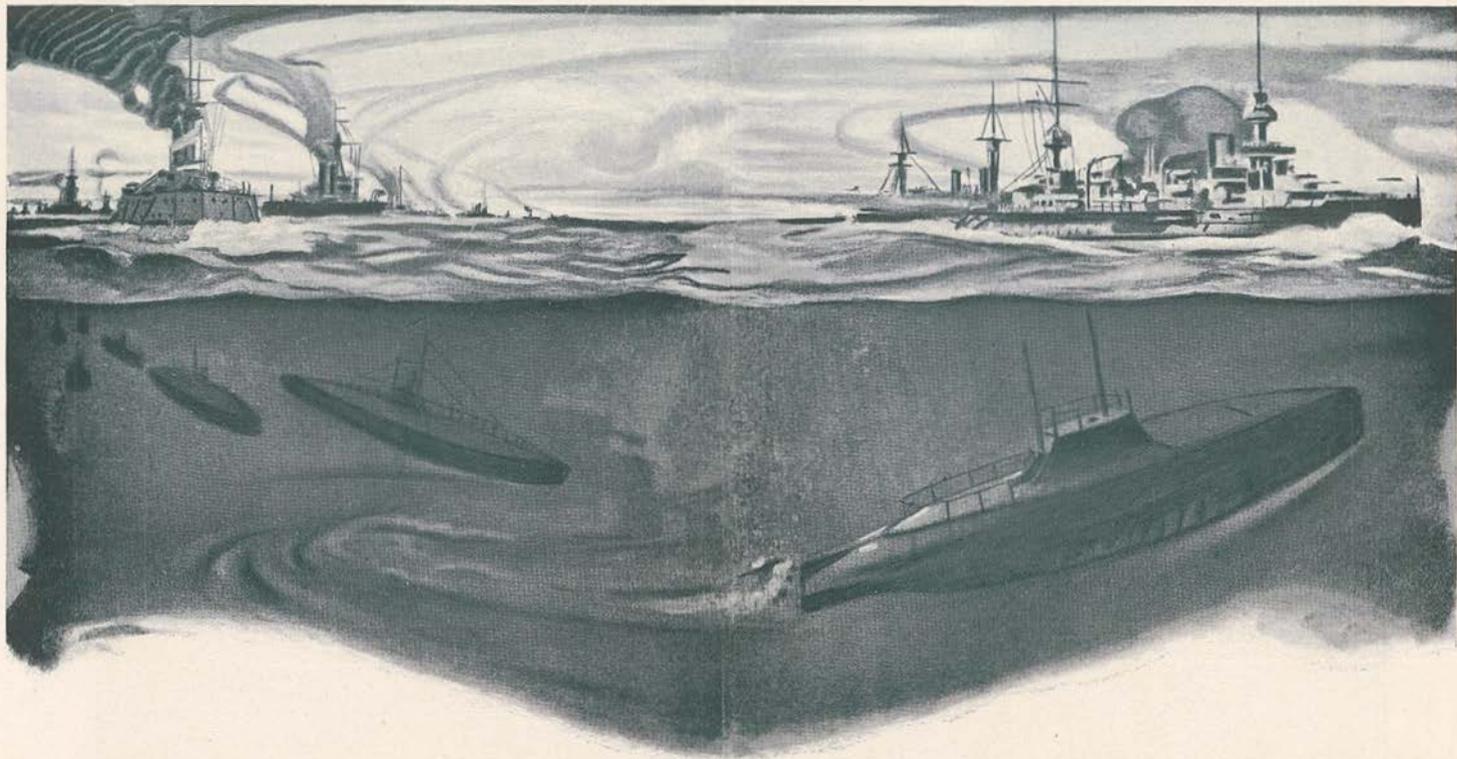


Como os Ingleses ocultam a sua artilharia para não ser observada pelos aeroplanos —(The Sphere).



Na reãrãda do exercito do kronprinz na Argone, debaixo do fogo pesado, alguns artilheiros alemães pretendem ainda salvar um canhão, que a infantaria franceza conseguiu tambem tomar — (De *The Sphere*).

UM NOVO INVENTO



Não tem conta os inventos que a ciência tem feito depois que se travou esta medonha guerra. Tão depressa se descobre um meio ou elemento de exterminio, logo aparece outro para se opôr, para o anular. A ação dos submarinos tão receiada, e com razão, porque não se presentia a sua aproximação e eles operavam por surpresa, vai perder muito a eficacia.

O sr. R. A. Fessenden, professor americano, inventou um oscilador electrico que applicado a um navio permite mudar muito as condições da guerra por mar. E' uma es-

pecie de telegrafia sem fio aquatica. Parte do aparelho está colocada no porão do navio n'um compartimento cheio d'agua. E' munido de duas orelhas, postas uma de cada lado do costado e que consistem n'um diafragma de aço, por meio das quaes se recebem communicações e sons. Prevenindo a aproximação de um submarino ou de um outro navio de guerra qualquer, diminuem o perigo pelo tempo que dá a prepararem-se ou a fugirem. Se o *Titanic*, por exemplo, estivesse munido do tal aparelho, nunca se teria dado o terrivel desastre que tanto impressionou todo o mundo.

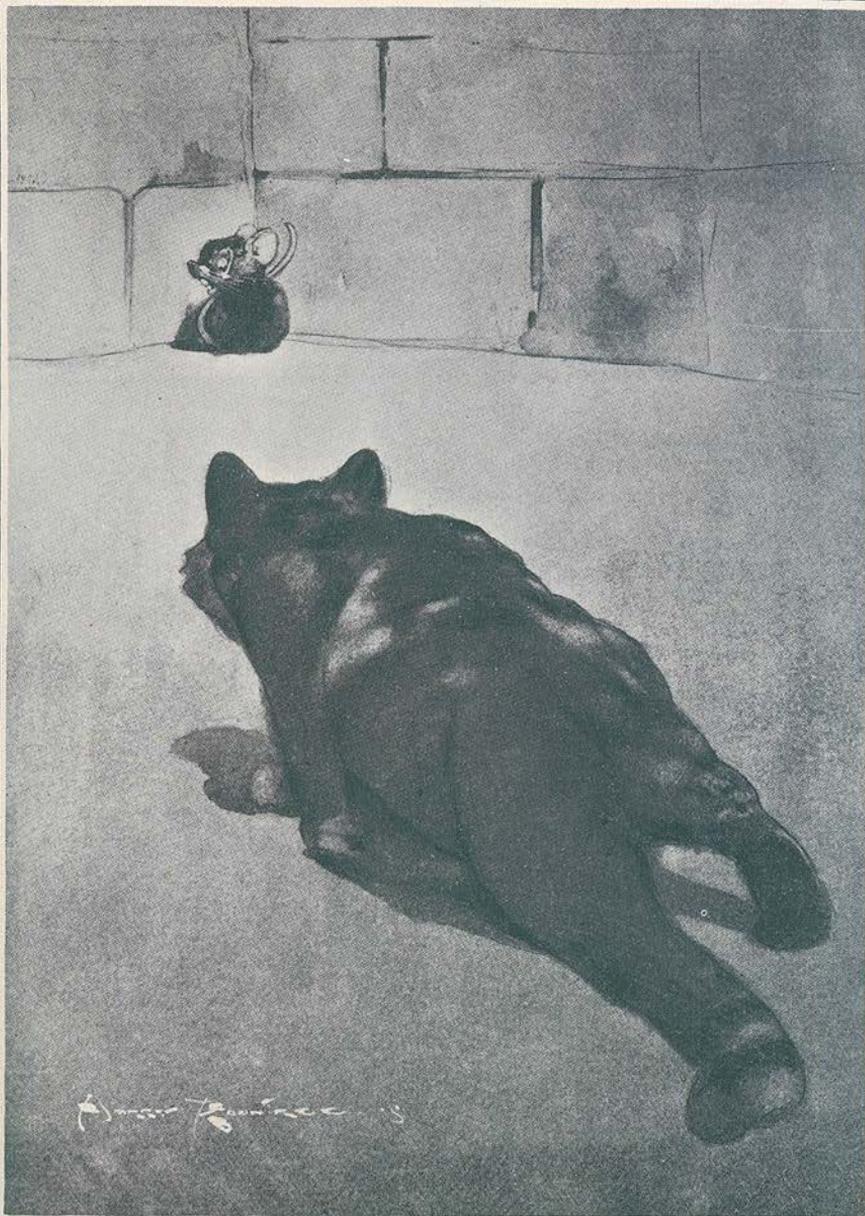


Covas abertas pela explosão de projéteis de diversos calibres n'uma região mineira ao norte da França, dando a impressão de um aspeto parcial lunar com as suas crateras.



Aspeto atual de uma praia de banhos da Bélgica: Um aeroplano inglês que regressa de um reconhecimento; a artilharia em posição e um barco de pesca encalhado na areia

Na Alemanha hoje só se pôde comer apresentando uma senha



O rato para o gato que avança para comê-lo: Alto lá! deixe cá vêr primeiro a senha!



A esposa de um soldado inglês de nome Tommy, ao regressar este das trincheiras de França, foi-lhe ao encontro com os seus cães, que, ao conhecerem a voz do dono, lançaram-se sobre ele loucos de alegria —(De *The Sphere*).

A moda militar na Riviera



A CRUZ
VERMELHA

O ARROGANTE HUSSARD

DOIS ARREMEDIOS
DE CASACO MILITAR

A mulher franceza, verdadeiramente elegante, não tem grande predileção pelos vestidos que lembrem o talhe das fardas, pois que estas teem um

ar de gravidade que mal se cosaduna com a sua leveza e graciosidade. Entretanto, na Riviera, onde foram feitos estes desenhos do natural, ha muitas mulheres que adoram a moda militar.—(The Bystander).

Os russos atravessando uma ribeira funda na Polónia para atacarem os alemães acampados a alguns kilometros da outra margem — (De The Sphere)

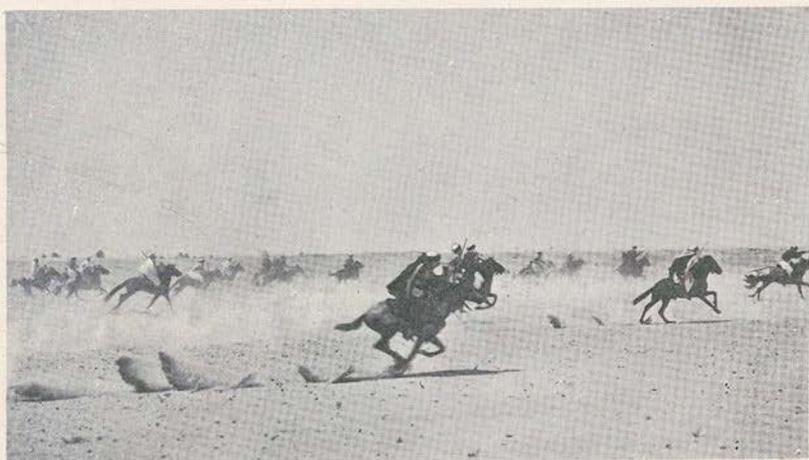


A dedicação dos cães em tempo de guerra



Os donos de uma das muitas propriedades de Vailly, no Aisne, arrasadas pelos alemães, abandonaram-na, deixando um cão a guardar um resto de mobília que tinham em estima. Ao entrar o inimigo na povoação, o fiel e corajoso animal ainda lá estava firme no

seu posto, ladrando desesperadamente á passagem dos barbaros. Este exemplo de dedicação e de fidelidade impressionou vivamente quantos o presenciaram. Não sabemos se o mesmo aconteceu aos invasores, ou, se na forma do seu brutal costume, crivaram de balas o animal.



Nas dunas da Flandres ocidental: Instantaneo de uma carga de *spahis* argelinos nos arredores de Nieuport



Nos arredores de Neuve-Chapelle: Uma linha de trincheiras Inglezas bem defendida.—(Clichés M. Branger)

TEATROS

A festa de Augusto de Castro, com o AMOR Á ANTIGA no Teatro Nacional

A noite de 24 de abril último foi assinalada no teatro portuguez por um acontecimento artistico de alta significação: a grande atriz Virginia, ha muito retirada de cena, teve a gentileza de tomar parte no espectáculo do Nacional em honra de Augusto de Castro, pela 15.ª representação, n'esta epoca, do «Amor á antiga», a obra prima d'este escritor. E foi admiravel essa cooperação; ao encanto d'uma peça modelar, que é o tipo mais perfeito que conhecemos da comedia moderna, juntou-se o encanto de todas as qualidades da artista illustre para quem o teatro foi sempre uma devoção, que nunca traiu com menos amor uma personagem, fossem quaes fossem as circunstancias que se dessem.

Esse culto pela arte, que os mediocres não conhecem, manifestou-o ela mais uma vez n'essa representação do «Amor á antiga», embora estudado o papel para uma recita unica; assim o exigia o nome consagrado de Augusto de Castro, a beleza da peça, a sua propria personalidade e, mais do que tudo, a Arte, que na vida de Virginia foi a sua orientação constante.

Por muito tempo ficará na memoria do publico, que enchia completamente a sala do Nacional, aquela recita extraordinaria. A voz harmoniosissima da que foi a gentil sub-prefeita da «Sociedade onde a gente se aborrece», a vingativa e apaixonada «Fedora», da tragedia de Sardou, e agora a serena e doce viscondessa de Amares do «Amor á



A grande atriz Virginia, com o sr. dr. Augusto de Castro, autor da peça *Amor á antiga*.

antiga, nunca mais se apagará das nossas almas, saudosa e branda, nem o eco dos applausos a Augusto de Castro, premio justo e devido a um delicado artista e a um honesto trabalhador.

A. de P.



Uma cena do 1.º ato da peça *Amor á antiga*.—(Clíchés Benollet)

Na Camara Municipal de Lisboa



Em virtude do decreto que dissolveu varias camaras municipais, entre as quaes a de Lisboa, tomou posse dos negocios d'esta cidade a comissão administrativa a que preside o coronel sr. Severo da Cunha. O presidente da comissão executiva da

camara que saiu, bem como outros vereadores, não deixaram os seus logares sem a intervenção da autoridade, que teve de prendel-os, prisão que deixou de manter-se logo que aqueles senhores deixaram o edificio.



1. O sr. dr. Levy Marques da Costa, presidente da comissão administrativa do Municipio de Lisboa, saindo preso do edificio da camara com alguns vereadores—2. A comissão administrativa nomeada pelo governo para gerir o municipio de Lisboa. Da esquerda para a direita; dr. Matias Boleto de Mira, Luiz Vitor Rombert, Jorge Guedes Gavicho, dr. Aivaro Machado, Manuel Dias da Costa Lima, José Lino Junior, Ernesto Henrique Seixas, Germano Arnaut Fartado e José Maria Godinho.— (Clichés Benollet).

O funeral do vereador sr. Lourenço Loureiro



Foi imponente o funeral do vereador sr. Lourenço Loureiro, falecido repentinamente em plena sala das sessões do Município de Lisboa, quando se realisava a ultima sessão de

protesto contra a decreto que devia dissolver a vereação eleita. A' beira do tumulto falaram alguns oradores que enalteciam as excelentes qualidades do morto.



1. O cortejo passando pela praça dos Restauradores — 2. O vereador sr. Lourenço Loureiro — 3. O feretro passando no Rocío.—(Alchês Benollei).

mães de improviso atacaram, sabendo que não encontravam resistencia nos postos militares que a guardavam, reina agora a mais absoluta confiança, e o receio de novo ataque já não pôde atemorizar ninguém. E ha razão para essa confiança depositada nos nossos bravos e valorosos soldados, que saberão defender a soberania de Portugal dos mais ousados ataques, opondo-se com galhardia a qualquer nova tentativa dos nossos inimigos.

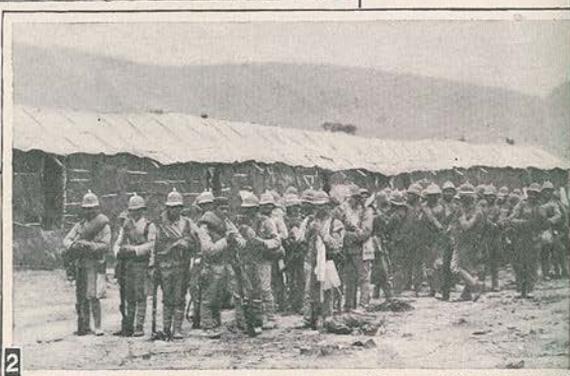


1

Chibia (margens do rio Chlpumpunhime): Grupo de officaes da columna de operações. Da esquerda para a direita, sentados, tenentes srs. Mascarenhas, Edgar, Quadros, Ponces e alferes Eleuterio. De pé, tenentes srs. Balaya e Costa, tenente-medico Ornelas e tenentes Olival e Barata.—(Cliché do distinto amator tenente sr. Balaya)

A chegada das tropas portuguezas ao Lubango produziu a mais justificada alegria, sendo recebidas no meio de entusiasticas aclamações.

Por toda aquella enorme região que os ale-



2



3



4



5

2. **Lubango:** Chegada das tropas expedicionarias ao acampamento — 3. **Lubango:** Uma gentia—4. **Chibia:** Uma gentia—5. **Lubango:** Indigenas conduzindo cargas para as tropas e residencia do vice-consul alemão sr. George Schors, que foi mandado retirar para Lisboa, cuja casa foi encerrada pelas autoridades. — (Clichés do distinto amator sr. Teles Grito)



4

Lubango.—O comandante, maior sr. Malheiro, + passando revista a infantaria 16

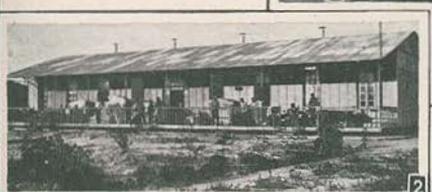
Não ha que duvidar da intrepidez dos nossos soldados, tantas vezes posta a prova, saindo sempre vitoriosos das maiores e mais encarniçadas refregas em que teem entrado.

Os povos agora protegidos por eles podem viver sem inquietações.



3

Lubango.—Camions para cargas ao serviço das tropas Chibia.—Hospital onde foram pensados os primeiros feridos do combate de Naullia



2



4

Lubango.—Indigenas conduzindo carga da expedição.—(Clichés do distinto amator sr. Teles Grilo)

Tourada no Campo Pequeno

Que pena a tourada do domingo ter sido transferida para a 4.ª feira em virtude do tempo ameaçador! A maioria dos aficionados não pôde lá ir por ser dia de trabalho e perderam um dos mais soberbos espetáculos no seu genero. Os srs. Carlos Viana e J. Segurado estão, realmente, impri-



O moço de forcado Chico Marujo derrotado pelo touro

mindo os maiores atrativos ás touradas do Campo Pequeno, não se poupando a despesas, porque não deviam ser pequenas as que fizeram para apresentar aqui o notavel *dies-tro* Ale, que foi imensamente vitoriado, como o foram tambem os nossos cavaleiros e bandarilheiros.



Tonaz da Rocha bandarilhando



Ale passando de muleta



José Casimiro colocando um ferro.—(Clichés Garcez)